UMA ANÁLISE CINEMATOGRÁFICA DE JEAN LUC GODARD SOB A ÉGIDE EDUCACIONAL

Ademir Luiz da Silva[1](PQ), Gabriel C. Pereira[2] (IC)*gabriel.erebor@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás
Campus de Ciências Sócio-econômicas e Humanas

Resumo: Este artigo procura elaborar uma análise crítica a respeito da contribuição estética e narrativa do cinema como inspiração para a prática do ensino em história e na historiografia. Utilizando como contraponto crítico, a má formação dos professores de história, como também, uma crítica à academia que engendra as questões epistemológicas e a incapacidade de superar os debates. Buscando uma revisão e reavaliação do passado dito e normativo por meio de outros olhares. Sustentando a hipótese do descompasso entre a Escola e a Universidade.

Palavras-chave: estética, história, narrativa, cinema, professores, espírito do tempo.

Introdução

O cinema novo francês é concomitante aos eventos da década de 1960, eventos que foram responsáveis para mudança sistemática dos parâmetros e estigmas sociais sem precedentes. O cinema por sua vez estava imbuído de ideais anti-progressistas que coadunavam com a realidade social da Europa. Nesse sentindo, Jean-Luc Godard engendra-se na capacidade de interpretar os anseios dessa sociedade, sobretudo, da juventude parisiense, com objetivo de colocar essas questões nos debates, não de forma frívola, apontando suas virtudes e suas contradições. É importante pensar, como essas transformações contribuíram para que a educação mudasse o seu *modus operandi*, como o cinema se torna um espelho para isso, especialmente, no ensino de história, os eventos franceses de 1968 chegaram ao Brasil de que forma? No que tange a educação, como está à *démarche* entre história ensinada e a teoria da história?

Assim, é importante dizer que, quase que por excelência a filmografia do período da *Nouvelle vague* de Godard se enquadra na prerrogativa do filme De professor, onde a narrativa contada busca um pano de fundo histórico para dar dimensão e profundidade aos acontecimentos. A sagacidade de Godard em

antecipar os debates a respeito dos Eventos Franceses do Maio de 1968 está presente nos filme, *A Chinesa* (1967), O Pequeno Soldado (1963), *Bande à Parte* (1964), *Masculin-Feminin* (1966), onde o jovem cineasta já enxergava a imbecilidade, a pressa, o mergulho no onírico, a previsibilidade da juventude, como também, a crítica sincera a essa juventude no qual ele considerava hipócrita e ignóbil, que vislumbrava em seus apartamentos luxuoso, discutindo sobre marxismo e maoismo, uma profunda contradição, e a condição inerte perante as mudanças necessárias na França, pois apenas se preocupavam com seus assuntos frívolos em seus devaneios. Segundo Godard na França em 1967, é preciso colocar na tela aquilo que é mais importante, para que floresça os debates na sociedade, que são primordiais, as mudanças, essa era a urgência da arte.

> Assim, já disse muitas vezes, que o único filme que deveria ter sido feito este ano na França – e nesse ponto Sollers e eu estamos de acôrdo – seria um filme sobre as greves da Rhodiaceta. Elas constituem um caso típico, mais instrutivas que são modernas em relação ao tipo clássico de greve (sem levar em conta a duração) por causa da interferência de reivindicações culturais e financeiras. Sòmente falar a linguagem das greves e as que conhecem as greves entendem melhor a linguagem de Oury que a de um Resnais ou Barnett. (CAHIERS DU CINÉMA, 1968, p. 120).

Assim, os Eventos de 1968 para Godard nascem antes mesmo de sua concretização, o incidente na *Université Paris Nanterre* com Paul Ricoeur, faz parte de uma narrativa muito maior incitada por um dos maiores gênios da cinematografia. Vale lembrar que, de que maneira pode-se afirmar que a sagacidade de Godard foi tão latente assim, como o cinema conseguiu antecipar os debates? “A possibilidade de se descobrir o futuro, apesar de os prognósticos serem possíveis, se depara com um limite absoluto, pois ela não pode ser experimentada.” (KOSELLECK, 2006, P. 311).

Muito embora, não se pode afirmar que o próprio Godard tivesse tido acesso a esse tipo específico de leitura, uma vez que a própria obra do Koselleck é publicada em alemão em 1985 depois das narrativas de Godard, como é possível que isso tenha acontecido? Talvez a sagacidade de Godard em antecipar os debates seja respondida por Hegel que no século XIX acreditava na existência de um espírito do tempo, *(Zeitgeist)* é a respostas para o chamado espírito da época, ou seja, a arte e a filosofia são retratos da própria cultura no tempo, no meio o qual ela se empenha em analisar, é a reverberação do tempo em sua mais genuína expressão, como se o

artista ou o intelectual carregassem essa cultura no qual estavam mergulhados, mesmo que inconscientemente. Por isso que, Koselleck na filosofia da História e Godard no cinema, produzem quase que concomitantemente, o artista e o historiador fazem uma verdadeira dança com o tempo.

> Mas, entre a Revolução Inglesa passa e a Revolução Francesa futura foi possível descobrir e experimentar uma relação temporal que ia além da mera cronologia. A história concreta amadurece em meio a determinadas experiências e determinadas expectativas. (KOSELLECK, 2006, p. 309).

E como isso aparece nos filmes do Godard? Com a própria leitura do âmago da sociedade, o descaso com o tempo cronológico e do calendário, ou seja, o tempo natural, do tempo histórico, o espírito do tempo, até mesmo a presença do preto-branco no auge do círculo cromático, representada justamente nos enquadramentos das questões sociais. Godard abre precedentes desde 1964 para a sucessão dos fatídicos eventos da juventude em 1968 em um autêntico frenesi. Notoriamente, o ensino de história, passou a dialogar com a sociedade, se aproximando da demanda e do *Sentido Histórico*. O professor de história está preparado para compreender e vislumbrar tamanha mudança que no Brasil já está atrasada? Ao passo que, a superação dessas questões já é realidade noutros lugares. Encaremos a questão da narrativa, como a estética contribuiu para uma inteligibilidade de eventos históricos, reconhecendo a nossa capacidade, mas não nos dando por vencidos, é preciso compreender essa nova realidade e quais são as recentes e velhas ferramentas que o professor de história tem acesso. É categórico refletir e ponderar quais são os erros presentes na narrativa histórica e o que temos de melhor, não é suficiente.

Material e Métodos

Realizamos a análise de Bande à Part com o apoio da pesquisa bibliográfica e entrevistas com teóricos especializados, também serão utilizados materiais produzidos nos cursos de graduação em História e Arquitetura e Urbanismo da UEG, além da disciplina “Literatura, História audiovisuais no cerrado”, do Mestrado TECCER da UEG, onde leciona o pesquisar sênior dessa pesquisa, e do LUPPA, Laboratório Universitário de Pesquisa e Produção Audiovisual, que o pesquisador proponente da pesquisa principal é o atual coordenador.

Resultados e Discussão

O processo de ensino-aprendizagem, deve se adequar as múltiplas plataformas, incluindo o audiovisual, a formação dos professores de histórias deve ter um cuidado especial para com o desenvolvimento da reflexão acerca dos objetos analisados, subitamente, a partir da perspectiva do cinema godadiano, entender a utilização de um pano de fundo histórico para analisar e criticar de forma pungente a sociedade francesa, sendo uma orientação para as mudanças localizadas nos eventos do maio de 1968. A fragilidade do historiador/professor de história não conseguir dialogar os temas de história com a teoria da história propriamente dita. O cinema tem que fazer parte do rol para o aprimoramento das técnicas e aproximando o aluno via lúdico. A filmografia de Jean-Luc Godard valoriza a literatura e isso deve ser considerado, assim como a sua visão cética e cínica para com a juventude parisiense.

Considerações Finais

Como última consideração, a fragilidade do processo de educação no que tange à formação dos professores no Brasil e a incapacidade de articular os recursos audiovisuais, com a teoria da história e os temas mais banais do livro didático. Por fim, pensar Godard em sua obra requer uma orientação também historiográfica, sua obra se torna a expressão de um indivíduo *anti-establishment* que compreende os meandros da sociedade, da juventude francesa e projeta esses anseios em sua filmografia de forma sensível, tenso ressonância no estabelecimento de um novo *modus operandi* social que está presente até hoje nos debates sociais e da historiografia, essa talvez tenha sido sua maior contribuição, percebe-se uma nova forma de se fazer história e cinema, que coaduna com sua sagacidade. O oficio do historiador não está ameaçado, é preciso se adaptar as novas tecnologias, ao acesso ao mundo dos estudantes, para alcançar isso é preciso formação, e isso já era um debate desde a década de 1980 no Brasil, a má formação dos professores de história. É preciso pensar também em alternativas que transcendem ao audiovisual, o incentivo na área do historiador, ao aluno deve ser ensinado o ofício do historiador, fazer pesquisas, levar documentos, ensinar como se analisa, é papel eminentemente natural do professor, é preciso levar literatura clássica, música

erudita, tudo aquilo que por excelência nos torna humanidade, que fala sobre nós, mas também, humanizar os estudantes, sensibilizar e contribuir para que sejam cidadãos críticos, é preciso até educação ambiental, à história engendra todos esses saberes. Far-se-à necessário também, que compreendam com o presente sangra o passado e que este é vivo e pulsante, não silenciar os mortos e os oprimidos, tão pouco dar continuidade as atrocidades da historiografia em seu cemitério e fazer com que emirjam do abissal do não dito, é a presença do espírito do tempo, e estar atendo ao que ele tem a nos dizer. E talvez, fundamentalmente, o tema desse artigo seja uma ode a tristeza.

Agradecimentos

Ao *PIBIC/CNPq* por me contemplar com a bolsa, o professor Ademir Luiz da Silva, por me orientar conforme a necessidade de se entender o cinema e a educação e ao meu companheiro de projeto e amigo, Filipe Inácio Fontes, por me acompanhar nas pesquisas. A Professora Sandra Rodard Araújo pela coorientação.

Referências

BARBOSA, Haroldo Marinho. **Jean-Luc Godard**. Rio de Janeiro/Guanabara: Gráfica Record Editôra, 1968.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

DELEUZE, Gilles. **Cinema a imagem-movimento**. Editora Brasiliense, 1983.

DUBOYS, Phillipi. **Cinema, vídeo, Godard.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC- Rio, 2006.

TIRARD, Laurent. **Grandes diretores de cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

PENAFRIA, Manuela**. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). VI Congresso SOPCOM, 2009.**

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica. Teoria da história: Os fundamentos da ciência histórica. (trad. Estevão de Rezende Martins)**. IN.:_____.**Tarefa e função de uma teoria da História.** Brasília: Ed. UnB, 2001. p. 25-51.

WHITE, Hayden. **Meta-História: a imaginação histórica no século XIX.** IN.:_____. **Introdução à poética da História.** São Paulo: Edusp, 1995. p. 17-56.